



## ÁUREA NARDELLI: MEMÓRIAS DE UMA NORMALISTA

Natania A. Silva Nogueira <sup>1</sup>

Falar sobre a história do magistério no Brasil é um desafio para os pesquisadores que se dedicam ao estudo da História da Educação. Maior ainda é a dificuldade quando nos propomos a escrever a história das mulheres no magistério. As fontes documentais, sejam elas produzidas por instituições públicas ou privadas, estão muitas vezes fora do acesso do pesquisador, seja pela falta de arquivos organizados, seja algumas vezes pelo desinteresse da família em preservar cartas, diários, fotos e outros registros pessoais, após a morte daqueles que os produziram, homens ou mulheres. Segundo **Michelle Perrot** “Correspondências familiares de que elas são as escribas habituais, diários íntimos cuja prática é recomendada para as moças por seus confessores, e mais tarde por seus pedagogos, como um meio de controle de si, mesmas, constituía um abrigo para os escritos das mulheres, cuja imensidão é atestada por todos os fatores.”<sup>2</sup>

Para o pesquisador, especialmente aquele que se dedica à micro história ou à história local - buscar fontes que possam preencher esse vazio, sendo as fontes impressas, como periódicos e livros de memória ou biografias – produtos de uma época, cheios de simbolismos e significados, de visões de mundo e preconceitos -, podem oferecer ao pesquisador informações precisas que permitem responder e levantar mais questões acerca do passado.

A necessidade de se repensar a atuação das mulheres na história introduziu o conceito de gênero, como uma categoria científica, levando, por sua vez, à elaboração de novos conceitos de relações de poder . Segundo **Joan Scott**, “a emergência da história das mulheres como um campo de estudo envolve “uma evolução do feminismo para as mulheres daí para o gênero”<sup>3</sup>. Passou-se a pensar as relações entre homens e mulheres como uma forma de construção, e não mais apenas como uma simples diferenciação entre sexos, baseada em atributos físicos – ou a ausência deles. Essas relações, muitas vezes, encontram-se veladas na memória privada e só alcançam o espaço público por meio de memórias de mulheres, como **Áurea Nardelli**.

Assim, encontrar uma fonte que possa trazer à luz informações sobre o cotidiano das escolas normais e sobre a vida de uma professora é uma oportunidade única de mergulhar em um universo tão cheio de mistérios. As memórias da professora Áurea Nardelli nos ofereceram essa

---

<sup>1</sup> Licenciada em História, especialização em História do Brasil, professora de História no Ensino Fundamental, na rede pública e particular de ensino de Leopoldina (MG). E-mail: [nogueira.natania@gmail.com](mailto:nogueira.natania@gmail.com).

<sup>2</sup> PERROT, Michelle. *As mulheres ou os silêncios da história*. Trad. Viviane Ribeiro.- Bauru, SP: EDUSC, 2005, p. 35

<sup>3</sup> SCOTT, Joan. História das mulheres. In: BURKE, Peter (org). *A Escrita da História: novas perspectivas*. Trad. Magna Lopes. – São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992, p.65.



oportunidade, pois permitiram conhecer uma personagem singular e ao mesmo tempo participar do processo de resgate da memória feminina, escrita por uma mulher, uma protagonista da história.

*O ingresso na escola normal: algumas notas sobre o cotidiano escolar*

Nascida em Mar de Espanha, no início do século XX<sup>4</sup>, filha de Vicente e Angelina Nardelli, a professora Áurea Nardelli relata em seus dois livros de memória passagens de sua vida. Sua experiência no magistério ocupa um significativo nos dois livros, juntamente com suas impressões sobre as relações sociais e políticas que se desenvolviam ao seu redor. Como professora, Áurea atuou em frentes pioneiras de ensino. Como mulher, adotou uma postura independente e ousada em contextos onde as fronteiras de gênero eram bem definidas e aparentemente intransponíveis.

A vida da família Nardelli foi marcada por dificuldades financeiras. O pai teve muitas profissões como viajante comercial, relojoeiro, gerente de banco e atacadista de cereais. Apesar da origem humilde, Vicente Nardelli procurou oferecer aos quatorze filhos a oportunidade de se instruir e seguir uma profissão. O ingresso de Áurea e suas irmãs no magistério ia ao encontro dos planos do pai. Através do magistério, as mulheres puderam ter acesso a uma profissão que lhes oferecia não apenas emancipação financeira, mas, sobretudo, distinção social. O baixo salário era compensado pelo reconhecimento social.

Cidade pequena, Mar de Espanha oferecia naquela época uma boa estrutura escolar. Com a instalação do Grupo Escolar, passou a ser oferecido o ensino primário e o curso normal. A memorialista destaca o fato de que os professores da escola eram, na sua maioria, mulheres e, quase todos, vindos de outras cidades ou mesmo Estados.

Numa época em que a maioria das escolas era regida por leigos, para nosso Grupo, com exceção de dona Cilota, só foram nomeadas normalistas, vindas de vários pontos de Minas e de outros estados. Rachel Marques veio da primeira turma do Instituto de Educação de Belo Horizonte. Não me lembro da procedência de todas as pioneiras. Sei que Isabel Brito veio do Pomba, (...) Dona Felicidade veio de Sapucaia; Dolores Gonçalves, de Sapé de Ubá, hoje Guidoal; Irene Phillipini veio de Taubaté, (...) Abigail Dias veio de Mariana<sup>5</sup>

Dos vinte e dois alunos aprovadas no curso, quando Áurea e suas irmãs ingressaram no curso normal, apenas quatro deles eram rapazes. Estes abandonaram o curso, ainda no período de adaptação. Áurea sugere que o motivo do abandono teria sido o preconceito de dividir a turma com moças. “No adaptação éramos dezoito meninas e quatro meninos. Talvez por preconceito, nenhum

<sup>4</sup> Aproximadamente entre 1912 e 1915. Áurea não se prende a datas, então somos forçados a fazer um cálculo aproximado a partir das referências a momentos históricos como a revolução de 1930.

<sup>5</sup> NARDELLI, Áurea. *Uma família sem brasões - memórias.v.1*, Juiz de Fora: ESDEVA Empresa Gráfica Ltda. 1983, p 104



deles nos acompanhou. Ficamos as “dezoito do Forte de Copacabana”, expressão que nos chamamos até hoje, embora queriam lá provar que os heróis do forte foram treze.”<sup>6</sup>

O nome adotado pelo grupo, assim como várias referências feitas pela autora acerca de acontecimento relacionados à Revolução de 1930, nos leva a crer que a participação feminina em questões políticas começava bem cedo, no interior do núcleo familiar e se estendia para os espaços de socialização mais amplos, como a escola. “Nós, as ‘18 do forte’, resolvemos nos transferir da Escola Normal. Não daríamos aos políticos da oposição, vitoriosa, o gostinho de verem a formatura da primeira turma.”<sup>7</sup>

As “18 do forte” se apresentavam como Jacobinas (legalistas), em oposição aos Jagunços (revolucionários). Áurea expressava uma opinião política firme, ainda bem jovem. A decisão de sair de Mar de Espanha relacionada à perseguição sofrida por aqueles que se opuseram à Revolução de 1930. A turma das “18 do Forte” se dividiu: um pouco foi para Leopoldina, outro tanto para Juiz de Fora (como Áurea e suas irmãs) e o resto para Ponte Nova e Ubá. Os professores foram solidários – chegando alguns a pedirem exoneração do cargo - com as alunas, que também tiveram o apoio das suas famílias.<sup>8</sup>

As quatro irmãs, Hilda, Alba, Áurea e Eunice, mudaram-se para Juiz de Fora, aproximadamente em 1931. Foram estudar no **Colégio Stella Matutina**, dirigido pelas Irmãs Missionárias Servas do Espírito Santo<sup>9</sup>. Antes mesmo da mudança, já antevia-se algumas dificuldades de adaptação na nova escola, onde seriam alunas internas, até que a mudança de toda a família para Juiz de Fora estivesse acertada. Áurea descreve detalhadamente o enxoval que sua família teve que fazer e do estranhamento que isso causou a ela e suas irmãs:

Papai tomou providências para a nossa nova matrícula. O Stella enviou a relação dos documentos necessários, bem como a das peças do enxoval: roupas de uso pessoal, de cama, de banho, de rosto. Uniformes de dois tipos: um de saia azul-marinho, blusa bege e mangas compridas, gravatas da cor da saia e o indispensável chapéu da mesma fazenda da blusa; o outro uniforme seria todo branco, para ser usado na missa dos domingos e em dias de festa; sapatos pretos tipo colegial e meias compridas da mesma cor. Também, de mangas compridas deveriam ser as camisolas de dormir, sem decote. O que nos fez rir foi o pedido de camisolas para o banho, no estilo das camisolas de dormir. Habitadas nuas para o banho e, quando meninas, só de calcinhas para banho no tanque do quintal, isso nos pareceu pantomima.<sup>10</sup>

A mudança de escola coloca as Nardelli frente a frente com uma nova realidade, a de alunas internas de um colégio confessional. Já no primeiro dia no estabelecimento, veio o primeiro constrangimento. “Pensamos encontrar nossas camas já arrumadas, mas isso não aconteceu.

<sup>6</sup> Idem, p 138

<sup>7</sup> Idem, p. 155.

<sup>8</sup> Idem, p 155

<sup>9</sup> Fundado em oito de setembro de 1902, o Colégio Stella Matutina iniciou suas atividades em janeiro de 1903. O Colégio funcionava em regime de internato e externato feminino. Em 1916, começou a atuar na formação de professores e foi equiparado à Escola Normal Modelo de Belo Horizonte.

<sup>10</sup> NARDELLI, Áurea. Op. Cit, 1983, p 155-156.



Recebemos as roupas e arrumamos as camas. Terminamos nossa tarefa, convencidas de havermos feito o melhor. Irmã Pacéria, porém, não pensava assim e perguntou: “A mãe de vocês não as ensinou a arrumar uma cama?”<sup>11</sup>

Passaram a viver em um clima de constante vigilância, sendo afastadas da naturalidade e espontaneidade na qual haviam sido criadas em Mar de Espanha. Tudo, desde as peças íntimas do vestuário, era fiscalizado pelas freiras. As cartas eram abertas e lidas antes de serem entregues às alunas. As refeições eram realizadas em silêncio, as orações eram monitoradas. As irmãs Nardelli estranhavam os hábitos do colégio, principalmente ao que se referia aos hábitos de higiene pessoal: banhos apenas às quartas e sábados, e com uso da camisola de banho. Mas a fiscalização não significava cumprimento rígido das regras. As alunas sempre arrumavam uma forma de burlá-las, inclusive com auxílio de pessoas de fora da escola.

No Colégio Stella Matutina, havia a preocupação com a orientação sexual uma vez que, a maioria das meninas, não tinham contato com rapazes fora da família e permaneciam a maior parte do ano juntas: aulas, refeições, atividades de lazer e dividindo dormitórios. Tal preocupação era justificada, pelo menos é o que dá a entender Áurea, na única passagem onde comenta sobre o assunto. “Proibido andar-se aos pares, deveríamos pelos menos andar em grupos de três. Neste ponto, as Irmãs eram de severa vigilância. Ingênuas, achávamos aquilo exótico. Só mais tarde compreendemos que era para se evitar o homossexualismo, no internato. Mesmo assim, havia muitos casos de *predileção*.”<sup>12</sup>

Referência semelhante foi feita por **Cristina Vieira Gomes**, em pesquisa realizada com ex-alunas do Colégio das Irmãs de São José, de Franca (SP). Uma das entrevistadas comentou sobre a rígida disciplina, que não permitia que as alunas ficassem sozinhas – em dupla -, sendo proibido, também, andar de mãos dadas. Era comum a repressão a qualquer manifestação afetiva entre as alunas.<sup>13</sup>

Áurea e suas irmãs logo se tornaram alunas externas, com a mudança de toda a família para Juiz de Fora. Quando as quatro irmãs se matricularam no Colégio Stella Matutina, elas já estavam no último ano de estudos. Segundo a memorialista, a qualidade do ensino que tiveram no Grupo Escolar foi excelente, permitindo uma rápida adaptação na nova escola e garantindo-lhes ótimas

---

<sup>11</sup> NARDELLI, Áurea. Uma família sem brasões - memórias.v.2, Juiz de Fora: ESDEVA Empresa Gráfica Ltda. 1986, p. 03.

<sup>12</sup> Idem, p. 06.

<sup>13</sup> GOMES, Cristina Vieira. A educação das normalistas em Franca: o ensino religioso e laico preservado na memória das professoras primárias. Anais do II Encontro Nacional do GT História das Religiões e das Religiosidades. *Revista Brasileira de História das Religiões – ANPUH*, Maringá (PR) v. 1, n. 3, 2009. Disponível em <http://www.dhi.uem.br/gtrelegiao/pub.html>, acesso em 21/05/2010.



notas ao final do curso. Assim que se formaram, todas receberam convites para trabalhar como professoras, dando, então, início à sua carreira no magistério.<sup>14</sup>

*A opção de não de casar e sua militância na educação e na política*

Áurea foi uma mulher decidida, de gênio forte e rebelde. Não gostava se ser pressionada por ninguém. Terminou o noivado por não se sentir preparada para casar. E nunca realmente esteve. Ao contrário das moças da sua época, namorava pelo prazer de namorar, sem ter planos para um relacionamento futuro, o que causou a revolta de alguns de seus ex-namorados, intrigados com a jovem que não sonhava em se casar. Se não quer se casar, namora por quê? Indagou certa vez um deles<sup>15</sup>.

Frequentemente, o casamento era imposto às jovens mais por pressão familiar e social do que como um desejo individual, e podia ser sinônimo de servidão e inutilidade. (...) O magistério significou uma ruptura como esse estado de coisas ao permitir que as professoras vivessem com dignidade sem submeter-se às imposições sociais.<sup>16</sup>

Áurea não é o arquétipo da normalista que se sacrifica e transforma o trabalho na escola em uma extensão do lar. A dedicação dela vem do idealismo muito mais profundo, que pode ser percebido pelas suas opções profissionais. Fez um curso superior em ensino rural, com objetivo não apenas de lecionar, mas também de contribuir com a formação de professores aptos a atender a clientela residente nas fazendas e sítios da região. Sua preocupação era, acima de tudo, com a qualidade do ensino e do trabalho dos professores. Ela promoveu mudanças no ensino rural, colocou uma professora por turma e procurou dar qualidade ao ensino. Recebeu uma oferta para trabalhar em uma escola, em regime de internato, para meninos carentes da zona rural, na localidade de Florestal. Gostou, mas não aceitou, resolvendo voltar para a direção do Grupo Antônio Carlos, cargo que exercia naquela ocasião.

Foi convidada por **Helena Antipoff** para trabalhar no núcleo educacional da Fazenda do Rosário, com o objetivo de reformar o ensino rural.<sup>17</sup> O trabalho com Antipoff era um desafio que agradava Áurea e ia ao encontro de seus interesses profissionais. Além de alunos da zona rural, o

---

<sup>14</sup> Áurea começou a trabalhar um pouco depois que as irmãs, pois permaneceu um ano cuidando da sua saúde. A doença não é citada. Todas conseguiram boa colocação profissional na cidade.

<sup>15</sup> NARDELLI, Áurea. Op. Cit. 1986, p. 06.

<sup>16</sup> ALMEIDA, Jane Soares de. *Mulher e educação: a paixão pelo possível*. – São Paulo: Editora UNESP, 1998, p. 72..

<sup>17</sup> Helena Wladimirovna Antipoff foi pioneira na introdução da educação especial no Brasil, onde fundou a primeira Sociedade Pestalozzi, em 1934. Em 1937 dá início ao projeto da Fazenda do Rosário. In: SHUMAHER, Schuma, BRASIL, Érico Vital (orgs). *Dicionário mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade biográfico e ilustrado*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000., p. 257-258.



núcleo educacional da Fazenda do Rosário também atendia alunos com necessidades especiais e promovia a formação de professores rurais.

Quando voltou do Rosário, o Mobral está sendo instalado. Foi então convidada para organizar algumas classes que seriam implantadas na Vila Furtado de Menezes, em Juiz de Fora. A dificuldade em ensinar para adultos, a evasão e a falta de material didático adequado fizeram com que Áurea, nos poucos meses que se dedicou ao Mobral, elaborasse um material didático exclusivo, na forma de cartilhas, que foi utilizado na alfabetização de adultos. Tratava-se de uma coleção de três livros. Antes de partir, a educadora pôde constatar a eficiência de seu método, a partir do depoimento dos próprios alunos.

A coleção chama-se *Sinhá e João*, contava a vida de uma família de operários, procurei fazer a história de modo interessante, baseada em trabalhos e em divertimentos. Certa noite o Secretário de Educação da prefeitura foi visitar as classes e perguntou se estavam gostando da história. Logo uma das alunas disse: - *Nós gostamos, Sinhá e João vivem muito bem.*<sup>18</sup>

Como diretora, lutou pelos direitos de seus professores, conquistando para muitos a tão sonhada efetivação. Mesmo exercendo um cargo de confiança, Áurea liderou movimentos reivindicatórios, como greves, e enfrentou a pressão do governo estadual sem recuar. Não tinha muita tolerância com “conformistas” e sabia aproveitar muito bem as oportunidades que lhe surgiam. Também não tinha medo dos políticos e não tolerava o clientelismo, prática ainda muito comum no interior de Minas Gerais. Narra, em seu segundo livro, um episódio onde foi confrontada por um deputado, que exigia vaga para uma protegida.

Um certo dia, eu estava no meu gabinete, quando entrou um senhor moço ainda, bem vestido, que me disse, arrogante: - *Quero saber a causa pela qual a senhora diz que não há mais matrícula este ano, aí no Grupo. – Quem é o senhor? – Não me conhece? – Não. – Sou o deputado... – Então, agora, vou dizer-lhe: temos ordem do Secretário de Educação para só matricular até que a capacidade do prédio se esgote. Acato apenas a orientação dele, secretário, ou de seus auxiliares. E digo-lhe, então, o que o senhor, como deputado, deveria saber: necessitamos de mais escolas equipadas com o mínimo de móveis, de material escolar para os carentes. O caso terminou, ido o deputado. Desconcertado, foi procurar outra escola para sua protegida.*<sup>19</sup>

Áurea Nardelli defendia seu direito a manifestar opinião política e o fazia em qualquer local. Não aceitava censura alguma. Chegou até a sofrer ameaças do **Departamento de Ordem Política e Social** (DOPS), durante a Ditadura Militar, mas nunca recuou e nem sofreu qualquer represália.

Numa das primeiras reuniões do professorado, aproximou-se de mim um senhor muito simpático. Apresentou-se como agente da DOPS. Era um amigo pessoal do Dante (meu irmão), seu superior em Brasília. Dante era então, diretor do Instituto Nacional de Identificação, por ele organizado. Senhor Beiral – nome do agente -, pediu-me que não fizesse reuniões sem licença da autoridade competente e aconselhou-me a influir sobre o

<sup>18</sup> NARDELLI, Áurea. Op. Cit. 1986, p. 115.

<sup>19</sup> Idem, p. 115.



professorado, evitando novas greves. Lógico, não atendi e segui em frente. Continuou seguindo meus passos e deles dando ciência a meu irmão.<sup>20</sup>

Seu irmão, por fim, acaba por alertá-la sobre os as aflições do agente, mas não lhe pede para parar o movimento. Áurea dá a entender que nunca foi favorecida pelo irmão<sup>21</sup>, mas acreditamos que o parentesco inibiu a ação do agente. Beiral acabou tornando-se um amigo pessoal de Áurea sem nunca ter conseguido impedi-la de organizar e participar de manifestações políticas.

### *Considerações finais*

Ao estudarmos a vida de mulhres simples, como Áurea Nardelli, estamos não apenas constuindo a história do magistério feminino, mas também nos aprofundando nas relações de gênero e de poder, narradas por uma mulher numa sociedade onde a história foi muito tempo escrita pelos homens. A menina, a normalista, a educadora e a diretora. Sua visão do mundo e suas opções de vida mostram que as mulheres não possuíam atitudes homogêneas, quebrando mitos como o do valor do casamento para a mulher do início do século XX e seu pretenso desinteresse pela política. Áurea certamente não era um exceção. Ela representa as muitas mulheres, professoras, mães e filhas que interagiram em várias esferas sociais, que possuíam e expressavam suas opiniões e não se curvavam a todos os tabus sociais.

Áurea quebra o silêncio por todas essas mulheres, que não deixaram suas memórias escritas, que não podem hoje contribuir com seus depoimentos, mas que marcaram as vidas de muitas outras mulheres e homens, também.

Áurea Nardelli e muitas outras educadoras cedem seus nomes a escolas, mas suas memórias muitas vezes estão fragmentadas, dispersas e esquecidas. É preciso insistir, sempre, no valor da memória – escrita ou oral -, que nas palavras de Almeida, “é o legado herdado através das gerações, a possibilidade de perpetuação das experiências vividas, a narrativa dos tempos feita do seu ponto de vista, da sua maneira de olhar o mundo e a vida.”<sup>22</sup>

As memória podem estar cercadas de simbolismos, podem passar por filtros morais mas, ainda assim, elas permitem ao pesquisador contemplar não apenas a visão de um protagonista da história, mas também penetrar em todo um discurso socialmente construído. Desvendar a história das mulheres na educação é por assim dizer, explorar todo um universo desconhecido, onde mitos e

---

<sup>20</sup> Idem, p. 120-121

<sup>21</sup> Dante Nardelli, foi diretor do Instituto Nacional de Identificação desde sua criação, em 1963, até o final da década de 70, durante mais de 15 anos, segundo informações cedidas por seu filho Dante Nardelli Júnior.

<sup>22</sup> ALMEIDA, Jane Soares de. Op. Cit., p. 46.



tabus podem sucumbir a voz da memória, que quebra o silêncio no qual, por muitos anos, as mulheres foram relegadas.

### *Bibliografia*

ALMEIDA, Jane Soares de. *Mulher e educação: a paixão pelo possível*. – São Paulo: Editora UNESP, 1998.

GOMES, Cristina Vieira. A educação das normalistas em Franca: o ensino religioso e laico preservado na memória das professoras primárias. Anais do II Encontro Nacional do GT História das Religiões e das Religiosidades. *Revista Brasileira de História das Religiões – ANPUH*, Maringá (PR) v. 1, n. 3, 2009. Disponível em <http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pub.html>, acesso em 21/05/2010.

MUNIZ, Diva do Couto Gontijo. *Um toque de gênero: história e Educação em Minas Gerais (1835-1892)*. – Brasília: Editora Universidade de Brasília; FINATEC, 2003.

NARDELLI, Áurea. *Uma família sem brasões - memórias*. v.1, Juiz de Fora: ESDEVA Empresa Gráfica Ltda. 1983.

\_\_\_\_\_. *Uma família sem brasões - memórias*. v.2, Juiz de Fora: ESDEVA Empresa Gráfica Ltda. 1986.

PERROT, Michelle. *As mulheres ou os silêncios da história*. Trad. Vviviane Ribeiro.- Bauru, SP: EDUSC, 2005.

SCOTT, Joan. História das mulheres. In: BURKE, Peter (org); *A Escrita da História: novas perspectivas*. Trad. Magna Lpes. – São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992, p.63 – 96.

SHUMAHER, Schuma, BRASIL, Érico Vital (orgs). *Dicionário mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade biográfico e ilustrado*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.